

A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE EM REVISTAS DE PSICANÁLISE: ANÁLISE DA PRESENÇA DO “DISCURSO CAPITALISTA DE JACQUES LACAN”

Sérgio Choiti Yamazaki¹

Regiani Magalhães de Oliveira Yamazaki²

Resumo: Neste artigo apresentamos os resultados de uma pesquisa intitulada “(Im)Possível interlocução entre Psicanálise, Educação e Ensino: uma investigação em revistas de Psicanálise”, realizada em uma universidade pública brasileira, na qual procuramos analisar em revistas de psicanálise a presença/ausência de artigos que tem como tema a educação no sentido amplo do termo e, em específico, se procuram trazer para discussão o “discurso do capitalista”, no sentido lacaniano. Tendo como preocupação a influência que o discurso encontrado na contemporaneidade tem no cotidiano dos sujeitos, que muitas vezes dificultam ou até mesmo obstaculizam suas vidas, este trabalho procura verificar se há pesquisas, reflexões, ensaios que permitem pensar em possibilidades de construir caminhos de subjetivação que não conduzam à satisfação coletiva cujo valor maior é o consumo desenfreado e cada vez mais intenso e veloz daquilo que Lacan chamou de *gadget*. Trata-se de um instrumento criado ou potencializado pelo discurso do capitalismo que faz com que as pessoas vivam em função de mais produzir e mais consumir, levando a um falso tamponamento de conflitos e faltas de um passado remoto. Os resultados mostram que há trabalhos que apontam criticamente para este discurso, os quais podem ser considerados reflexos de outros setores da sociedade, além daqueles que lidam diariamente com a saúde, com a educação e com as pesquisas na academia.

Palavras-chave: Psicanálise. Educação. Revistas de Psicanálise. Ensino e Aprendizagem. Discurso do Capitalista.

1 Doutor em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Docente Permanente no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal da Grande Dourados. Líder do Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências de Mato Grosso do Sul.

2 Doutora em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente na Universidade Federal da Grande Dourados. Docente Permanente no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática e no Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade, ambos da Universidade Federal da Grande Dourados. Líder do Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências de Mato Grosso do Sul.

CONTEMPORARY EDUCATION IN PSYCHOANALYSIS JOURNALS: ANALYSIS OF THE PRESENCE OF “JACQUES LACAN’S CAPITALIST DISCOURSE”

Abstract: In this article we present the results of a research under the title “(Im)Possible interlocution between Psychoanalysis, Education and Teaching: an investigation in Psychoanalysis Journals”, carried out in a Brazilian public university, in which we sought to analyze in psychoanalysis magazines the presence/ absence of works that bring education as a theme, in the broader sense of the term and, specifically, seek to bring into discussion the “capitalist’s discourse”, in the Lacanian sense. Having as a concern the influence that the discourse found in contemporary times has on the daily lives of subjects, often making their lives difficult or even obstructive, this work seeks to verify whether there is research, reflections, essays that allow us to think about possibilities of developing paths of subjectivation that do not lead to collective satisfaction whose greatest value is the unbridled and increasingly stronger and faster consumption of what Lacan called gadgets. It is an instrument created or enhanced by the discourse of capitalism that makes people live by producing more and consuming more, leading to a false buffering of conflicts and faults from a remote past. The results show that there are works that show a critical look at this discourse, which can be considered reflections of other social groups, in addition to those that deal daily with health, education and research in the academic field.

Keywords: Psychoanalysis. Education. Psychoanalysis Journals. Teaching and Learning. Capitalist Discourse.

1 INTRODUÇÃO

Na década de 1920, um educador escocês fundava uma escola cujo princípio básico era respeitar os anseios e as dificuldades dos alunos perante uma sociedade abusivamente exigente. A escola ficou famosa por seguir práticas em que a liberdade dos alunos era coisa séria, fazendo da gestão um exercício de educação democrática.

Alexander Sutherland Neil fundou a escola *Summerhill* em 1921, na Inglaterra. Por ser bastante incomum, ela foi acusada de muitas formas, por exemplo, o próprio autor afirma o seguinte: “Os jornais chamam a isso uma “Escola-do-faça-o-que-quiser”, e insinuam que se trata de uma reunião de selvagens primitivos, desconhecedores das leis e das maneiras” (Neil, 1970, p. 3).

Contudo, Neil nos mostra por meio de seus relatos e livros que o fato é que lá conviviam “crianças saudáveis, livres, cujas vidas não estavam contaminadas pelo medo e pelo ódio” (p. 4). Neste sentido, também existiram aqueles que chamaram Neil de corajoso ao inverter o processo escolar colocando o aluno como protagonista, dando a liberdade para que elas fossem elas próprias. A coragem vem da renúncia à direção, à disciplina, ao comportamento moral, comum nas escolas tradicionais. Erich Fromm nos diz que é uma escola “despojada de medo”, onde “a autoridade não mascara um sistema de manipulação” (Fromm, 1970, p. XIX).

Fromm (1970) aponta para os problemas referentes aos investimentos escolares, que procuram relacionar a boa formação à adaptação ao sistema capitalista, caracterizada pela era do consumo desenfreado que falsamente faria das pessoas,

seres mais felizes. Segundo o analista, a escola e o sistema como um todo podem ser concebidos como “um poderoso aparelho de sugestão” (Fromm, 1970, p. XVIII) para “aumentar constantemente o apetite individual para novas comodidades” (Fromm, 1970, p. XVIII), fazendo dos indivíduos efetivos consumidores de coisas cada vez “melhores”.

Nosso sistema econômico precisa criar [...] [indivíduos] que se adaptem às suas necessidades, [...] que cooperem harmoniosamente, [...] que desejem consumir cada vez mais. Nosso sistema precisa criar [...] [indivíduos] cujos gostos sejam padronizados, [...] [indivíduos] que possam ser influenciados com facilidade, [...] [indivíduos] cujas necessidades possam ser conhecidas com antecipação (Fromm, 1970, p. XIX).

Há muitos elementos problemáticos neste tipo de discurso e, dentre eles, apontamos um que nos é bastante caro em função das vivências enquanto docentes que lidam com a formação de professores e que confirmam a literatura do campo da educação e da saúde: a dificuldade de adaptação de muitos alunos a estas exigências no contexto familiar, social e no cotidiano escolar. Neste cenário, sintomas de diversos tipos surgem, desde comportamentos obsessivos por mais atividade, mais trabalho, mais capital, enfim, mais reconhecimento social e familiar, até graves patologias.

Este panorama nos faz pensar no quanto a psicanálise pode contribuir, tanto no sentido de apontar para os exageros e as necessidades vãs quanto para promover ações visando o fortalecimento das relações humanas muito maltratadas por esta forma de governar. Afinal, a psicanálise é tanto aporte teórico para a clínica quanto uma forma de pensar e lidar com o mundo, que traz elementos subjetivos que perfazem os laços humanos, portanto, capaz de fornecer uma leitura do impacto causado pelos objetos e sujeitos do mundo contemporâneo.

Não conseguimos ver a escola longe de tudo isso. Ela é lugar privilegiado onde transformações podem ocorrer, e onde investimentos podem ou devem ser feitos fortemente. E é por esta razão que **esta pesquisa procurou investigar se há pesquisadores, no campo especializado dos psicanalistas** – círculo esotérico (Fleck, 2010; *Ludwik Fleck (2010) chamou de círculo esotérico o coletivo de especialistas em determinado tema ou campo do saber, que pesquisam e produzem novos conhecimentos*) – **empenhados na interface educação e psicanálise, que analisam criticamente o discurso do capitalista no contexto da educação** como um todo. Eles, do coletivo de especialistas, podem, na forma *stricto sensu*, nos fornecer dados, condições e razões para que transformações sejam levadas adiante.

2 O DISCURSO DO CAPITALISTA

Jacques Lacan, na conferência de Milão apresentou pela primeira vez a subversão dos discursos que fazem laços sociais, ao mostrar como, por meio de uma relação lógico-matemática denominada por ele como “matema”, se poderia explicar o funcionamento de um novo discurso (Lacan, 1972; Dunker, 2019). Na realidade,

tratava-se de um pseudodiscurso, pois não havia neste um laço social, e sim laços com objetos denominados *gadgets*.

O que vem a ser o “discurso do capitalista”? Colette Soler o apresenta em uma conferência proferida em 2000 da seguinte maneira:

A expressão discurso capitalista é de Lacan e data de 1970. Ela foi produzida em um contexto no qual, evidentemente, não era indiferente, pois foi logo após os eventos de 1968, dois anos depois, o momento concomitante da grande confusão que tomava e sacudia a sociedade francesa. Lacan elabora então a noção dos [quatro] discursos — discurso do mestre, discurso universitário, discurso da histórica, discurso analítico. O discurso capitalista está a mais em relação aos quatro outros (Soler, 2010, p. 55).

Soler (2010) aponta para um discurso que subverte os quatro discursos até então apresentados por Lacan, que diziam respeito a certos tipos possíveis de laços sociais entre os sujeitos. De uma forma distinta, o discurso capitalista, ao subverter os discursos anteriores, mostra um novo tipo de relação, do sujeito com os objetos, mostrando, portanto, que os laços da contemporaneidade próprios do neoliberalismo, são laços que se estabelecem com o que Lacan denomina como *gadgets*.

Os *gadgets* são objetos que caracterizam certo modo de viver do mundo contemporâneo. Segundo Teodoro, Simões e Gonçalves (2019), “etimologicamente, o termo *gadget* tem origem inglesa e significa aparelho, dispositivo [...], ou seja, uma espécie de apetrecho tecnológico” (p. 4). São “objetos usualmente portáteis, inseparáveis de nossos corpos, nossas vidas; tentáculos de nosso modo de existir, porém de fácil descarte por trazerem consigo o DNA da obsolescência programada” (p. 4).

Portanto, os *gadgets* são objetos de consumo rápido, imediato, que satisfazem momentaneamente o sujeito e que são facilmente descartáveis ou trocados por outros tecnologicamente mais avançados. São, pois, belos representantes do capitalismo.

Trata-se de materializações fugazes, portanto, de um conhecido *slogan* de uma grande corporação contemporânea que, em seus vídeos publicitários amplamente expostos seja na já antiga televisão ou *smart*, *Youtube*, nos sugere (ou comanda): *no limits!* (Teodoro; Simões; Gonçalves, 2019, p. 4-5).

Uma citação interessante de Lacan ilustra sua concepção da rapidez com que o universo contemporâneo procura atender e ser atendido pelas pessoas, em uma dinâmica capaz de tornar a todos engrenagens de um enorme maquinário, cujo objetivo é cada vez mais sustentar um capitalismo desenfreado. Diz Lacan (1972, p. 62): “... não poderia andar melhor, mas, justamente, anda rápido demais, se consome, se consome tão bem que se consuma”.

Neste sentido, há todo um discurso montado, estrutural, que promete fornecer satisfação sempre maior ao sujeito por meio do consumo desenfreado de cada vez mais *gadgets*. Neste contexto,

Carros são ofertados como o complemento do motorista; sapatos esportivos são oferecidos ao consumidor não para correr, pois correr ficou ultrapassado: é preciso voar. Um grande banco nacional se autodenomina completo e um cartão de crédito é dito capaz de fazer tudo e mais um pouco, até mesmo consertar o liquidificador que quebrou. Se o lugar dos consumidores é o shopping center, cabe questionar o lugar ocupado pelo sujeito na cultura contemporânea do consumo excessivo (Teixeira; Couto, 2020, p. 584).

Além disso, Teodoro, Simões e Gonçalves (2019) chamam a atenção para a presença dos *gadgets* no campo farmacológico, muito comum nos dias atuais e bastante problemático quando a vemos em voga como algo natural e decorrente do progresso científico e tecnológico da atualidade. Os autores assim afirmam:

Seguindo essa lógica da oferta e do consumo, vemos ascender um tipo novo de oferta e de demanda, assim são ofertados fármacos de todos os tipos e espécies, principalmente, os psicofármacos para, não somente prevenção de doenças, mas também para aparentar excelência no meio social e profissional, já não faz mais sentido ser bom em seu trabalho, hoje é preciso ser um multiprofissional que chega às raias da perfeição (Teodoro; Simões; Gonçalves, 2019, p. 5).

Exemplo da presença dos *gadgets* no campo farmacológico, são os diagnósticos de TDAH, de autismo, de ansiedade, de depressão, que tem como consequência imediata o consumo de produtos para que se tenha efeitos rápidos mesmo que muitas vezes estanques. Este tipo de atitude pode levar a um processo vicioso a ponto de causar dependência que no fundo, podem ser ilusões de completude, uma falsa percepção que estão levando os sujeitos à uma alienação por meio da instauração de uma demanda trazida pela revolução tecnológica.

Lacan ressalta que a Revolução não trouxe a melhoria da qualidade de vida como se pretendia, mas instaurou a ilusão de distribuição igualitária de gozo por meio do acesso aos produtos. Por conseguinte, no laço capitalista propriamente dito, reconhecemos o funcionamento de uma sociedade de consumo em que os trabalhadores tornam-se um material humano tão consumível quanto os produtos (Teixeira; Couto, 2010, p. 584).

Neste cenário, esses laços eminentemente sociais fazem dos *gadgets* instrumentos que protagonizam muitos segmentos da vida cotidiana, como afirma Lima *et al.* (2015), ao apontar para os espaços familiares, sociais, políticos e educacionais. Remetendo a este último, as autoras notam que “pais e professores se queixam de perder o controle diante dos alunos que não se desconectam de seus *gadgets*, [e que] por vezes, as medidas adotadas pela escola estão voltadas apenas para o reforço do controle, como a proibição do uso dos aparelhos” (Lima *et al.*, 2015, p. 422).

Ora, como proibir pode dar certo quando esta regra caminha no sentido contrário ao fluxo do mundo contemporâneo, no qual o que vale é o discurso capitalista? Não é com espanto que as autoras declaram que “com efeito, apesar da proibição do uso do celular na escola, os alunos continuam utilizando intensamente os seus celulares em sala de aula e nos diversos ambientes da instituição” (Lima *et al.*, 2015, p. 422).

O que estas cenas nos ensinam é que silenciar os alunos não é uma alternativa que pode gerar bons resultados. Eles querem ser escutados, querem colocar suas singularidades e identificações, querem falar a respeito. Quando não encontram estes canais, os *gadgets* podem ser os lugares de refúgio.

 Todavia, conforme antecipado por Freud (1930/1996), viver em sociedade implica perder em liberdade para ganhar em segurança, uma vez que os grupos sociais são construídos graças às restrições impostas à satisfação pulsional sexual e agressiva. Tais limitações geram frustrações que dominam as relações sociais e, assim, em vez de sentir-se confortável em meio à civilização, o homem experiencia uma sensação de mal-estar (Teixeira; Couto, 2010, p. 584).

Dessa forma, seria a escola local de subordinação social, onde se aprende a viver conforme as regras e os valores estabelecidos até então? Seria a função da escola protagonizar o discurso capitalista, do fazer mais num menor tempo, do ir mais longe, do ganhar na competição, do ter mais do que do ser? O que os psicanalistas e pesquisadores do círculo esotérico da psicanálise tem a nos dizer? É tentando responder a estas questões que fizemos um levantamento em revistas da área *stricto sensu* da psicanálise, pois os autores são os especialistas em se tratando das subjetividades, das relações humanas, dos sintomas que a falta destes laços sociais pode nos trazer.

3 SOBRE A METODOLOGIA DA PESQUISA

O levantamento de dados foi feito por meio do *site* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agência de fomento do Ministério da Educação do Brasil – que apresenta as revistas e suas classificações (disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>) – considerando as revistas presentes nas avaliações dos últimos quadriênios disponíveis: 2017-2020 e 2013-2016. Para a seleção das revistas, consideramos como “Área de Avaliação” a Educação, pois não existe a opção pelo campo da psicanálise. Além disso, dentro do campo da Educação, o critério utilizado para seleção das revistas foi que elas tivessem no título a palavra “psicanálise”. Desta forma, possivelmente podem ser encontradas outras revistas que divulgam pesquisas neste campo do conhecimento, mas em cujos títulos a palavra psicanálise está ausente, o que nos faz continuar com a investigação, de forma mais pormenorizada, a fim de complementar os dados e as análises aqui apresentadas. Neste recorte da pesquisa, apresentamos 9 revistas, e as indicamos na Tabela 1.

No que se refere ao levantamento de artigos em cada revista, procuramos primeiro pelo descritor “educação” e, dentre os trabalhos encontrados, outros descritores foram procurados, capital(lismo), (neo)liberal, contemporâneo (e contemporaneidade), pois desta forma poderíamos encontrar pesquisas na interface educação, psicanálise e discurso capitalista.

Os descritores foram procurados nos títulos dos artigos, nas palavras-chave e nos resumos. Quando encontrados, os textos eram lidos na íntegra para verificar o que os autores estavam trazendo de suas pesquisas e reflexões.

Em alguns textos, o termo “educação” não estava contido nas palavras-chave, e nem no “resumo”, mas havia boas indicações de que se tratava de uma pesquisa no entorno de aspectos referentes à educação. Por exemplo, “prática pedagógica”, “escola” etc. Da mesma forma, também encontramos trabalhos que não citam o termo “educação” nem nas palavras-chave, nem no resumo, mas sim muitas vezes no texto como um todo, mostrando análises que se satisfazem com uma visão no campo educacional.

4 RESULTADOS

O Quadro 1 mostra que há 63 artigos dentro do tema, nas 9 revistas analisadas. Destes, 20 (31,75%) apontam para a contemporaneidade e sua relação com o discurso capitalista. Significa que pouco menos de 1/3 dos trabalhos publicados, e que considera a Educação um tema fundamental para as relações subjetivas na atualidade, apresentam algum grau de preocupação com relação a este discurso.

Quadro 1 – artigos contendo discurso do capitalista dentro do tema Educação

Cadernos de Psicanálise	Número de Artigos que contemplam Educação: 08	
	Número de Artigos (entre os 08 que contemplam Educação) que remetem à Contemporaneidade e ao Capitalismo	04 (50%)
Estudos de Psicanálise	Número de Artigos que contemplam Educação: 22	
	Número de Artigos (entre os 22 que contemplam Educação) que remetem à Contemporaneidade e ao Capitalismo	05 (22,73%)
Psicanálise & Barroco em Revista	Número de Artigos que contemplam Educação: 03	
	Número de Artigos (entre os 03 que contemplam Educação) que remetem à Contemporaneidade e ao Capitalismo	03 (100%)
Revista Brasileira de Psicanálise	Número de Artigos que contemplam Educação: 12	
	Número de Artigos (entre os 12 que contemplam Educação) que remetem à Contemporaneidade e ao Capitalismo	02 (16,7%)
Jornal de Psicanálise	Número de Artigos que contemplam Educação: 04	
	Número de Artigos (entre os 04 que contemplam Educação) que remetem à Contemporaneidade e ao Capitalismo	00
Revista da Ato – Escola de Psicanálise	Número de Artigos que contemplam Educação: 01	
	Número de Artigos (entre os artigos que contemplam Educação) que remetem à Contemporaneidade e ao Capitalismo	00
SIG Revista de Psicanálise	Número de Artigos que contemplam Educação: 07	
	Número de Artigos (entre os 07 artigos que contemplam Educação) que remetem à Contemporaneidade e ao Capitalismo	04 (57,1%)
Tópica – Revista de Psicanálise	Número de Artigos que contemplam Educação: 02	
	Número de Artigos que remetem à Contemporaneidade e ao Capitalismo	00
A Peste – Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia	Número de Artigos que contemplam Educação: 04	
	Número de Artigos que remetem à Contemporaneidade e ao Capitalismo	02
Total (todas as revistas)	Número de Artigos que contemplam Educação: 63	
	Número de Artigos que remetem à Contemporaneidade e ao Capitalismo	20 (31,75%)

Esta constatação, verificada nos dados levantados, é, para nós, reveladora de que as perspectivas que temos com relação à formação dos alunos nas escolas e no seio familiar são no mínimo problemáticas, e no limite algo a ser transformado. Mas o que exatamente trazem estes trabalhos?

Tentando responder a esta questão, levantamos características do discurso do capitalista encontradas nos trabalhos, que foram criticamente analisadas pelos autores:

Quadro 2 – discurso do capitalista

Características do discurso capitalista:
Valorização da rapidez das ações, dos resultados.
Prioridade da eficiência em detrimento da qualidade das ações.
Uso de instrumentos descartáveis e de satisfação imediata.
Pouca adesão e identificação com as atividades.
Laços sociais são escamoteados por relações com objetos os mais variados.
Individualização frente aos sintomas e laços sociais.
Inserção em variadas cenas da vida cotidiana: saúde, educação, familiar, social, profissional, gerando ansiedade e angústia, muitas vezes patológicas.

Não é difícil encontrar exemplos de cada uma destas características, no cenário cotidiano: os resumos de obras clássicas, para vestibulares ou ENEM; os medicamentos que acabam com os sintomas quase de instantaneamente; a pressa no trânsito comumente observada no dia a dia; a concepção de sujeito bem sucedido como aquele que detém capital, ou que tem boas posições em exames institucionalizados. Estes atributos foram apresentados pelos autores dos artigos analisados, em um contexto que remete a certa exclusão dos laços sociais, levando a ingerências na qualidade destas relações e, no limite, a graves patologias.

Dessa forma, a análise que fizemos dos dados coletados pontua aqueles que sugeriram alternativas no campo educacional frente a estas demandas sociais da contemporaneidade, e aqueles que apresentaram questões complexas deste cenário, mostrando a necessidade de certa urgência para as transformações na estrutura política e econômica da atualidade.

Todos os trabalhos analisados problematizam o discurso capitalista, no sentido em que o coloca Jacques Lacan (1966, 1998) e os autores já citados. Este resultado nos mostra como é com certa urgência que este tema deveria estar sendo debatido mais profundamente nos mais variados cursos universitários e nas pós-graduações.

Por outro lado, não há soluções simples ou caminhos que não requerem uma trabalhosa construção, embora alguns trabalhos apontem propostas ou experiências em cujos resultados podemos ver possibilidades de elaboração daquilo que se tornou bastante frágil nos tempos atuais, os laços sociais maltratados ou mesmo ignorados pelo discurso capitalista. Na sequência, apresentamos algumas análises pontuais dos artigos levantados, aos quais fizemos referência, em cada uma das revistas.

4.1 Cadernos de Psicanálise

Arreguy (2020) afirma que o imperativo da autoridade que provém do discurso capitalista, socialmente idealizado, impede o estabelecimento de relações políticas e mais efetivas. Compreendemos que a autora sugere transformações nas formas de organização e ação institucionais que minimizem os conflitos e permitam maior governabilidade. Ela nota que, ao contrário, quando há conflitos e verticalidade imposta, os laços sociais podem ser problemáticos, individualizantes e geradores de sintomas nos mais variados grupos sociais.

A verticalidade e a individualização nas relações sociais e nas instituições também é tema de Santos (2021), que levanta a questão no contexto da educação escolar contemporânea. Desta forma, fazendo referência ao poder exercido pela escola sobre os estudantes como ação de ordem repressiva, o autor afirma:

A ação do poder investido ao espaço escolar tem a função de repressão para os que vivem nessa realidade. Podemos dizer que os corpos que habitam a Escola sofrem diretamente desse meio de produzir sujeitos que se entendem como receptáculos verticais de uma ordem advinda de cima para baixo. (Santos, 2021, p. 113).

Entendemos que a análise da verticalidade e horizontalidade das relações humanas na escola é de fundamental relevância, pois é local onde prevalece muitas vezes a racionalidade instrumental, estigmatizante e segregante, na qual os alunos se tornam vítimas e os professores entregam a terceiros a responsabilidade de sua posição simbólica e subjetiva com a qual poderiam agir: “muitas vezes, entra em cena o médico ou o juiz e os adolescentes são [...] destituídos de sua palavra e de seus atos enquanto sujeitos, sendo-lhes oferecida, como única possibilidade de nomeação, uma identidade patologizante” (Coutinho, 2015, p. 171).

Contudo, Coutinho (2015) também problematiza a sociedade contemporânea em função da aceleração cada vez maior com que os projetos tanto profissionais quanto familiares devem acontecer. Para a autora, a perspectiva de velocidades instantâneas pode gerar sintomas em jovens e seus responsáveis, pois nenhum deles pode estar preparado para lidar com estas transformações. Assim, por meio de Lajonquière (1999), ela argumenta que a educação é um processo complexo, cheio de percalços e muitas vezes imprevisível, na qual pouco se encaixa a dinâmica do discurso da atualidade:

O discurso da técnica e da eficácia científica, condena alunos e professores a se enquadrar dentro de práticas que normatizam o processo de ensino e aprendizagem, excluindo o imprevisível e o impossível do educar trazidos pelos sujeitos e pelas singularidades de cada situação particular em que ele pode se dar (Lajonquière, 1999). (Coutinho, 2015, p. 167).

Neste sentido, a autora afirma: “de modo avesso, podemos supor que o mal-estar na escola é um sintoma próprio do mundo contemporâneo, regido pelo consumo e orientado pelo discurso da ciência, que denuncia a exclusão do sujeito...” (Coutinho, 2015, p. 171).

Entretanto, a pesquisa apresenta resultados positivos de um projeto de intervenção junto a professores e alunos adolescentes de uma escola pública do Rio de Janeiro. Foram experiências de conversação que tinham como tema a reflexão sobre as relações que eles tinham com a escola. Tratava-se de “um espaço de fala [...] capaz de promover deslizamentos de sentidos” (Coutinho, 2015, p. 167). Com este objetivo, a fala era feita de forma livre, permitindo que cada um pudesse “tomar a palavra e agir, inspirado pelos significantes dos outros, saindo de uma posição passiva, repetitiva e paralisante” (Coutinho, 2015, p. 167).

Os resultados destas ações nos possibilitaram analisar que a falta dos laços sociais parecia levar a um mal-estar na medida em que a dinâmica dos valores contemporâneos, tal como nos mostra o Quadro 2, é consolidada e levada para as práticas escolares e cotidianas.

A contribuição da autora para este cenário é, a nosso ver, bastante positiva. Ela nos mostra como o discurso presente nesta escola, e possivelmente na sociedade, é um sintoma do mundo contemporâneo, regido pelo consumo e orientado pelo discurso capitalista, estando, portanto, na origem do mal-estar dos alunos e professores.

Desta forma, como *ação ressignificante*, ela argumenta que os professores devem “ver os alunos como eles são e não como deveriam ser”, o que nos leva a pensar na emergência da “formação dos professores incluir um pouco de psicologia – e, por que não, de psicanálise” (Coutinho, 2015, p. 172).

Nesse sentido, talvez a psicanálise possa oferecer uma contribuição e um contraponto ao discurso médico-científico que tem se propagado no tratamento das questões escolares, que estigmatiza e destitui os sujeitos (alunos e professores) na instauração dos laços sociais dentro da escola. Discurso hegemônico e irrefutável, que enquadra, mais uma vez, os sujeitos dentro de diagnósticos fechados (*bullying*, TDAH, TOD, etc.) e descontextualizados, que contribui para aumentar ainda mais o enfraquecimento e a anomia de pais e educadores, diante dos seus filhos e alunos. (Coutinho, 2015, p. 172).

Portanto, sendo os sujeitos nomeados positivamente de acordo com as características do discurso capitalista (Quadro 2), os sintomas supracitados não seriam resultantes (no todo ou em parte) da inadaptação (veloz, pontual, exata etc.) daqueles que não conseguiram se ver contemplados em posições consideradas satisfatórias?

Como não pensar nesta questão, a nós fundamental nos dias atuais, tendo em vista pesquisas como de Oliveira, Lima e Colares (2019), autoras que analisaram os aspectos presentes no alto número de suicídios entre os jovens não somente no Brasil, mas em todo o mundo, e indicaram relações problemáticas que os sujeitos possuíam com o desejo de viver frente ao mundo contemporâneo, no qual o capital se torna protagonista e avassalador. Elas afirmam:

O cenário é amplamente desolador. Com o avanço cego da ciência e da tecnologia associado à dança frenética do Capital, estamos todos condenados à nossa autodestruição através da guerra, da crise, da fome, da corrupção.

Construímos, com isso, uma nova espécie de miséria humana, revelada como barbárie que emerge no seio da própria civilização. [...] “Uma nova forma de miséria surgiu com o monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem” [...]. (Oliveira; Lima; Colares, 2019, p. 52).

As autoras questionam: “inseridos em uma realidade cada vez mais caótica, como os jovens poderiam se orientar nesse contexto e, mais grave, como conseguiriam ‘encontrar sentidos diante do desespero?’ (BRUM, 2018)” (Oliveira; Lima; Colares, 2019, p. 41). Esta consideração leva as autoras a concluir:

Em suma, o que falta na relação entre as gerações atuais é a troca do significante vazio da temporalidade que permite a produção de sentido e, conseqüentemente, o desejo de viver, a crença utópica num universo significativo por meio do qual a vida seja potencialmente afirmada. Numa sociedade como a nossa, consumista e acumulativa, a pergunta sobre o suicídio relacionado à ausência de sentido torna-se, como já disse Camus (2013), o problema filosófico *par excellence*. (Oliveira; Lima; Colares, 2019, p. 60).

Neste cenário, para que os sujeitos deem conta de adequar-se cada vez mais às demandas do discurso capitalista, Assemany (2016) traz uma discussão sobre as ações encontradas na contemporaneidade que procuram ter como objetivo o desenvolvimento das crianças “frente à superestimulação, entendida como a pressão para que as crianças respondam o mais cedo possível a demandas externas visando o seu desenvolvimento” (Assemany, 2016, p. 231).

Observando as práticas no dia a dia das famílias contemporâneas, propomos a interrogar em que medida nossa cultura atual, constituída por suplências materiais, tem produzido conflitos e dificultado o momento de constituição da infância, ocasionando o que podemos chamar infância abreviada. (Assemany, 2016, p. 232).

As crianças têm sido estimuladas cada vez mais cedo, o que fez com que a autora problematizasse esta superestimulação, ao afirmar que tudo que a criança precisa é de cuidados e atenção: “Ela só precisa que a mãe cante, brinque de aparecer e sumir com as mãos, e lhe dê colo e peito. A natureza da criança é movimento e exploração. Mas os adultos acreditam que isso é desordem” (Assemany, 2016, p. 236).

Este laço social enfraquecido da atualidade, para o qual Assemany (2016) nos chama a atenção, é discutido por Pokorski e Pokorski (2012), que discutem as conseqüências de laços sociais frágeis, em decorrência do amor e do tempo líquidos, conforme nos aponta Bauman (2004).

Como resultado, na atualidade, “alguns bebês não vivem ou não experienciam suficientemente [...] [o] processo de introjetar e projetar, sendo as relações com o outro [...] bastante variáveis desde cedo” (Pokorski; Pokorski, 2012, p. 100). Desta forma, configura-se “um novo modelo nas relações com o outro caracterizado por uma maior fragilidade dos laços humanos. É sabido que alguns bebês são cuidados/ atendidos por três ou mais pessoas diariamente nas creches” (Pokorski; Pokorski, 2012, p. 100).

Apesar da realidade apresentada, própria da contemporaneidade, que se refere à formação da subjetividade de crianças que se encontram sob o cuidado de várias pessoas, dificultando a constituição identitária, os autores “destacam os contos infantis e as narrativas como recursos terapêuticos e descrevem a experiência analítica como uma oportunidade de a pessoa poder, através da linguagem, (re) significar sua história de vida” (Pokorski; Pokorski, p. 97).

4.2 Estudos de Psicanálise

Barbieri (2016) reforça, em nossa pesquisa, a crítica que vem sendo apresentada por outros autores. A autora problematiza o mundo capitalista contemporâneo, discorrendo sobre as profissões impossíveis apontadas por Freud, sendo a educação uma delas. Ela afirma; “A nova democracia, subordinada à ilusão imaginária de plenitude e poder ilimitado, torna-se cada vez mais difícil de ser sustentada, pois, como satisfazer a todos, o tempo todo, completamente, sem gerar um caos?” (p. 52).

Lopes (2007), problematizando um dos pontos supracitados que caracterizam a contemporaneidade – a velocidade exigida das ações e dos resultados – trabalha os efeitos das imagens que, em função da rapidez com que são veiculados, podem causar danos psíquicos muitas vezes patológicos. Isso acontece porque traz como resultado a intromissão de algo que o sujeito não está preparado para lidar, remetendo ao próprio conceito de trauma freudiano. Neste sentido, o autor afirma:

O cinema e a televisão, sem falar dos jogos eletrônicos, veículos que se utilizam da imagem já pronta, impõem imagens em tal velocidade, e uma intensidade de conteúdos que, muitas vezes, não deixam ao espectador tempo para digerilas. (Lopes, 2007, p. 22).

A velocidade com que cada um reage a novas situações não parece estar acompanhando as demandas solicitadas pela atualidade, o que nos remete à noção de trauma no sentido freudiano:

Se, freudianamente, conceituarmos trauma como uma quantidade de energia muito grande em um espaço de tempo muito curto, que causa uma marca – fixação – incapaz de ser elaborada, e cuja defesa psíquica é mantê-la inconsciente, compreendemos como este tipo de imagem é potencialmente, patológico. (Lopes, 2007, p. 23).

Contudo, formas de lidar com os outros podem ser também patologizantes. Há trabalhos que contribuem com esta análise ao trazer discussões sobre aqueles que foram diagnosticados e, portanto, só podem falar amparados pelas caracterizações que outros lhes deram. É o caso dos considerados superdotados que, quando colocados se alienam neste lugar uma vez que tentam responder a esta demanda legitimada socialmente. Em termos técnicos, o autor afirma que existe uma identificação com o significante da nomeação. Eles mostram preocupação por meio das palavras: “O que nos chama atenção é o ideal colocado em torno da genialidade que pode ter um caráter segregacionista, assim como o fracasso escolar” (Miranda; Cohen, 2013, p. 32). Afinal, “receber um nome ou se dar um nome é um modo

de desinserção, uma vez que ‘ser nomeado’ está na base, [...] no princípio de toda inserção simbólica do ser” (Miller, 2011, p. 10).

Trata-se da possibilidade de subsumir uma posição que o sujeito encontra através de uma narrativa feita a seu respeito. [...]. Talvez **o que uma psicanálise possa fazer por esses sujeitos seja auxiliá-los a realizar uma travessia desse nome que lhe foi dado e, ao mesmo tempo, possibilitar a ele encontrar um novo nome capaz de recompor o peso semântico no qual o sujeito foi enodado.** (Miranda; Cohen, 2013, p. 34, grifos nossos).

De forma análoga, apesar de tratar-se de diagnóstico de outra ordem, Mitsumori (2018) a partir de sua experiência em uma instituição de tratamento para crianças psicóticas e autistas, e levando em consideração a velocidade demandada pelos tempos atuais – onde “tudo que nasce se torna quase instantaneamente ultrapassado” (p. 133) –, apresenta reflexões sobre as possibilidades de inclusão escolar, as quais levam a conclusão de que ela “adquire toda a sua potência quando desiste da vã tentativa de eliminar o impossível” (Mitsumori, 2018, p. 133) – talvez possamos dizer, eliminar as singularidades.

Por sua vez, Silva e Nunes (2019) buscam apresentar reflexões sobre a sociedade capitalista por meio do contexto dos moradores de rua, considerados neste sistema como restos, como aqueles que não cabem nesta organização social. Afinal, nela, “o acesso aos bens de consumo e à propriedade privada definem as possibilidades de cidadania dos indivíduos” (Silva; Nunes, 2019, p. 140).

O capitalismo assimila a lógica pulsional e nos demanda a tamponar essa falta a todo momento para não termos que nos ter com ela. A situação de rua demonstra também que há um furo nesta própria lógica, que há um resto, algo que sobra nessa lógica de produção desenfreada, algo que não se faz todo, algo que não partilha da felicidade e da completude prometidas pelo capital. (p. 141).

A psicanálise subverte a lógica capitalista de produção, [e faz isso] justamente porque não faz promessas de fornecer um Bem ou uma Felicidade (Silva; Nunes, 2019, p. 143). A perspectiva psicanalítica remete a um sujeito de desejo e que, ao contrário da lógica capitalista – de que “o sujeito também se faça coisa e que seja negado em sua condição desejante para o ‘bom’ funcionamento da ordem econômico-social e política” (p. 144) – “podemos compreender a situação de rua como cena que encarna uma quebra com o laço social capitalista que nos está posto” (Silva; Nunes, 2019, p. 150).

Assim, é possível sustentar por meio deste trabalho que as pessoas em situações de rua representam o fracasso das relações sociais capitalistas que buscam seguir preceitos educacionais e de saúde desvinculados de seus contextos políticos e sociais, em que se protagonizam os procedimentos técnicos e científicos, esquecendo-se que seres humanos necessitam de laços sociais uma vez que são seres de desejo.

4.3 Psicanálise & Barroco em Revista

Branco (2019) trabalha o ódio como um instrumento político usado pela extrema-direita, particularmente no Brasil, pelo governo Bolsonaro, impedindo ou mesmo impossibilitando as estruturas institucionais da democracia de se manterem. Neste sentido, o autor afirma que “o neoliberalismo conservador produz uma desintegração do campo social, convertendo a sociedade em um conjunto de indivíduos isolados e atomizados, encerrados em pequenos núcleos sociais representados pelas famílias” (Branco, 2019, p. 86).

O autor apresenta questões bastante amplas sobre as consequências da estrutura social, política e econômica da atualidade, que jazem do neoliberalismo, incluindo elementos que dizem respeito à mercadologização da esfera pública, ao esvaziamento da seriedade intelectual, à manipulação dos povos, à meritocracia desumanizadora – para muitos, atraente – e tóxica. Afinal, como fruto da lógica contemporânea, afirma o autor: “o interesse da classe capitalista é promover a auto expansão do capital ao seu mais alto grau possível, ou seja, promover o crescimento econômico de modo a garantir a *estabilidade interna* da organização capitalista” (Branco, 2019, p. 88).

Neste cenário social, político e econômico, Branco (2019) também aponta que “[a] ‘estabilidade interna’ do sistema capitalista, através do crescimento econômico, apenas tem sido possível às custas da desestabilização externa de todos os outros subsistemas com os quais o capitalismo neoliberal se relaciona” (p. 88).

4.4 Revista Brasileira de Psicanálise

Chavarelli (2013) também mostra inquietações com relação à velocidade das ações, atitudes e pensamentos exigidos pelo mundo contemporâneo. Ela articula muitas de suas ideias por meio de uma entrevista fornecida por Olgária Chain Féres Matos, cujas palavras reproduzimos a seguir:

[...] muito da subjetividade constitui-se a partir da atenção, mesmo que seja distraída, e também de uma imersão nos objetos de contemplação, de reflexão. Essa temporalidade veloz impede que o tempo de exercício da afetividade para a consolidação de laços possa se estabelecer. Eu até diria que a aceleração do tempo é uma das figuras do patológico contemporâneo. (Palavras de Olgária Matos em entrevista. (Chavarelli, 2013, p. 40).

A preocupação de Chavarelli (2013), com relação à formação da subjetividade e da consolidação dos laços sociais, também está presente em outros pesquisadores. Afinal, a pressa pode obstaculizar o tempo singularizado de cada sujeito. Posternak (2017) afirma que “as crianças do terceiro milênio [...] estão imersas e marcadas pela pressa, pela imperiosa necessidade de serem exitosas, ganhadoras, pelo preparo para um futuro maravilhoso [...]” (p. 128). Ou seja, elas têm “menos tempo em família, os cuidados são terceirizados, a sexualidade é banalizada” (p. 128).

No entanto, para Posternak (2017) “não se pode desconsiderar as vantagens que o computador trouxe para o conhecimento infantil, na informação e na

comunicação. As crianças contemporâneas são nativos digitais e não podem abrir mão disso” (p. 128): “O que interrogo e questiono são alguns riscos em relação à infância e ao infantil quando a tecnologia opera um lugar privilegiado de educação e humanização” (p. 136).

4.5 SIG Revista de Psicanálise

Debbio e Pereira (2016) mostram como o cenário contemporâneo, proporcionado pelo discurso capitalista tem impactado o adolescente desde a Revolução Industrial, no final do século XVIII. Os autores problematizam a compreensão comumente encontrada de adolescência principalmente por meio dos trabalhos de Aichhorn, mostrando as dificuldades e conflitos pelos quais passam os jovens adolescentes no cenário contemporâneo. Segundo os autores, as relações de produção, próprios do capitalismo, trouxe um discurso propulsor de uma verdade já apontada por Lacan como discurso do capitalista, “impelido sempre a consumir, objeto a objeto, sem produzir laço [social], massificando-se e alienando-se ao fato de que aqueles objetos respondem à sua falta primordial e constitucional” (Debbio; Pereira, 2016, p. 96). Como consequência deste pseudodiscurso, sem laço social, os efeitos podem ser “devastadores no laço com a lei e com a sociedade” (p. 96).

Na contemporaneidade, vemos que o sujeito geralmente se encontra incapaz de se utilizar de recursos simbólicos para que ele diga de seu ser, traduza-se, já que na sociedade de hoje, hiperliberal e neo-higienista, ele é convocado a ocupar um lugar de abandono, ausente de referências. [...]. Com essa ausência de referências, os adolescentes de hoje acabam por ser expostos ao percurso errante das condutas de riscos. Condutas essas que, por não terem regulação, por se apresentarem em um discurso sem lei, como o do capitalista, podem desembocar em trajetórias infracionais. (p. 98).

Indo além, Pires e Strzykalski (2012) nos traz uma questão relevante que nota a sociedade capitalista como uma estrutura que “necessita manter a injustiça social que assola os jovens” e que socializá-los significa colocá-los à mercê do Estado que mantém o pacto social, negligenciando seus direitos básicos” (p. 76). Com isso, as autoras procuram sugerir um trabalho voltado à socioeducação, pautado na obra “Juventud Desamparada” (1925/2006), de August Aichhorn, que tem como protagonista das ações o fenômeno da transferência.

Contudo, perceber os vieses que o discurso capitalista insiste em repetir não está ao alcance fácil de nossa lógica racional e consciente, pois ela possui toda uma organicidade camuflada de falsas possibilidades de liberdade e escolha. Desta forma, Blestcher (2012) faz grifo deste “gozo pulsional que a escalada de consumo acaba por provocar”, o que nos traz “mais insatisfação que prazer” (p. 106), contrapondo-se à lógica propagada pelo discurso capitalista.

Em concordância com Blestcher (2012), Dunker (2015) discorre sobre as concepções de cordialidade e de intolerância, tendo como base os pensamentos de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freire, apontando contra a ideia de que a cordialidade seria a solução, cura ou antídoto, para a intolerância, uma vez que ela

se faz ocultando as intenções daquilo que ela pode estar carregando, sendo uma destas a medicalização.

A medicalização é uma das grandes forças de nosso processo de nomeação do mal-estar. Em tese este movimento ideológico supõe que não há forma de mal-estar que não se reduza ao sofrimento e não sofrimento que não seja redutível a sintomas codificados. No fundo, o capitalismo descobriu que o sofrimento é um bom negócio e está tentando segmentá-lo, geri-lo e empreitá-lo como qualquer outro bem simbólico. A massificação do emprego de drogas em crianças é um holocausto psiquiátrico anunciado. A banalização do uso de drogas para criar desempenho sexual, laboral, educacional ou social criará uma civilização de pessoas cuja experiência subjetiva jamais poderá criar uma história que não a de sua própria anestesia. (Dunker, 2015, p. 99).

4.6 A PESTE – Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia

Colette Soler (2010) também aponta preocupações congruentes com os autores citados até o momento, e discorre sobre as transformações decorrentes do capitalismo, particularmente sob o fundamento do discurso do mestre – um dos discursos de Lacan, que fazem laço social – que acaba por ser degradado em função do pseudodiscurso capitalista.

O Discurso do Capitalista [...] pois possui um poder de destruição que nenhuma insurreição contra o mestre pode pretender alcançar. Se não sabíamos isso em 1970, parece que hoje o tocamos com as mãos, a partir dos desenvolvimentos da crise do capitalismo que avança... **sem mestres**. (Soler, 2010, p. 260, grifos nossos).

Já Furtado e Vieira (2012) apresentam uma discussão sobre inclusão de pessoas autistas, por meio da citação de experiências em programas e projetos que acontecem em um trabalho interdisciplinar. No que se refere ao nosso tema de pesquisa, eles nos trazem algumas críticas com relação a formas de visualizar e de praticar, desconsiderando as subjetividades dos envolvidos, que dificultam ou obstaculizam o desenvolvimento deste trabalho.

Acreditamos que é através de perguntas [...] clinicamente irresponsáveis (pois, ao considerar, simplesmente, o autismo como um transtorno do desenvolvimento, desconsideram a dimensão subjetiva que está em jogo), que práticas engessadas e instituições autorizadas por seus discursos “inclusivos” promovem suas “verdades definitivas” com vendáveis métodos “mais eficientes” e altamente dispendiosos, não apenas financeiramente, mas especialmente. (Furtado; Vieira, 2012, p. 68).

Neste sentido, Furtado e Vieira (2012) apontam para interesses externos que tem como objetivo mais o retorno de um sistema econômico do que de tratamento clínico. Assim, a psicanálise não é uma teoria que as instituições capitalistas divulgam como boas práticas clínicas, pois entram o funcionamento requerido pelo avanço mais rápido do capital. Neste cenário, os autores afirmam:

Ademais, essa campanha institucional em torno da “causa dos autistas”, toma frequentemente a psicanálise como grande vilã dessas pessoas e dos

seus familiares, especialmente as mães. Basta lembrar a observação de um dos maiores neurologistas brasileiros que, numa das principais emissoras de televisão no Brasil, utiliza a expressão “a mentira psicanalítica” e que mais recentemente em série semanal em revista eletrônica da mesma emissora popular, tem servido de consultor para a montagem do quadro sobre autismo, nomeado *Autismo: universo particular*, com todos os argumentos ideológicos que ratificam a exclusão do trabalho que a psicanálise faz. Trata-se de um mecanismo perverso, ideologicamente comprometido com o capitalismo tecnocrático, que desloca a discussão para um foco errôneo, incitando ressentimentos, disputas por espaços e uma postura dos profissionais que muitas vezes evidenciam tirania e rancor, com o aval para excluir através de um discurso que se utiliza, justamente, da temática da inclusão e do respeito às diferenças (Furtado, 2011). (Furtado; Vieira, 2012, p. 68).

5 CONCLUSÕES

Os resultados mostram que em torno 1/3 dos trabalhos encontrados que procuram pensar a educação, seja institucional, seja por meio de um viés mais amplo, trazem reflexões sobre a sociedade contemporânea, movida pelas perspectivas capitalistas, tal como as mostradas pelo Quadro 2, consideradas práticas e modelos bem sucedidos que devem ser alcançados.

Contudo, os trabalhos apresentam indícios de que os pesquisadores do círculo esotérico da psicanálise são bastante críticos deste sistema, pois todos os autores problematizam este pseudodiscurso, que não faz laço social. E de distintas maneiras e contextos eles trazem elementos convincentes que justificam que se trata de um tema fundamental que deve ser discutido na contemporaneidade.

Neste sentido, os resultados destas pesquisas trazem desde as questões que se referem à manutenção de um sistema que perpetua a desigualdade social, fortalecendo aqueles que lucram com o capital pelo consumo desenfreado que insiste em se impor, até situações em que os sintomas, patológicos ou não, passam a ser inseridos em uma lógica que aponta para rápida solução em função do ligeiro diagnóstico e da medicalização, cada vez mais banalizado na atualidade.

Por último, a educação conforme os autores não é exceção. Em se tratando da educação escolar, portanto, realizada conforme parâmetros normalizados pelas sociedades institucionalizadas, estas elaborações apresentam pelo menos uma questão, que achamos fundamental: a quem devemos atribuir a responsabilidade da propagação de um discurso (do capitalista) que no final das contas não faz nenhum laço social, e no qual os sujeitos adoecem? A quem interessa este pseudodiscurso travestido de um discurso moldado pela ciência?

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Christian Dunker, em texto publicado em 2019, alerta que “a psicanálise não é nem a cura para o capitalismo nem a terapêutica para seus sequelados” (p. 128). Mas pode contribuir com nossa percepção sobre as relações que, nele (no capitalismo), nos são impostas. Estamos de acordo com Lustoza (2009): “O caráter ilimitado

desse processo [capitalista] acarreta uma modificação na relação do sujeito com a natureza, com os outros homens e com ele mesmo, em que tudo se transforma em mercadoria” (Lustoza, 2009, p. 41).

Também concordamos com Lustoza (2009), que afirma que ao “conectar o sujeito a *gadgets*, ... uma satisfação fugaz rapidamente se torna dejetivo”; e que neste sistema os sujeitos “tratam uns aos outros de modo instrumental, como se cada um fosse apenas um meio para obter um fim, o capitalismo acaba favorecendo uma ligação perversa ao Outro, o que em certo sentido desfavorece a formação do laço social” (Lustoza, 2009, p. 51). A psicanálise, neste sentido, pode contribuir com o desenvolvimento de uma percepção crítica disto que está posto e muitas vezes impossibilitado de ver, propositalmente.

REFERÊNCIAS

AICHHORN, A. **Juventud desamparada**. Barcelona: Gedisa, 2006. (Publicado originalmente em 1925).

ARREGUY, Marília Etienne. A autoridade à revelia do autoritarismo? **Cad. Psicanál.** (CPRJ), Rio de Janeiro, v.42 n.43, p. 137-160, jul./dez. 2020.

ASSEMANY, Nancy Mendonça. Superestimulação na infância: uma questão contemporânea. **Cad. Psicanál.** (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 38, n. 34, p. 231-243, jan./jun. 2016.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BARBIERI, Cibele Prado. A dimensão imaginária na análise na educação e na política. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, MG, n. 45, p. 43-54, julho 2016.

BLESTCHER, Facundo. El psicoanálisis interpelado por las sexualidades disidentes: puntualizaciones para una clínica antipatriarcal y posheteronormativa. **SIG – Revista de Psicanálise**, v.5, n.9, p. 105-116, 2012.

BRANCO, Felipe Castelo. O Ódio como Afeto Político: sobre a composição do populismo de extrema-direita no Brasil. **Psicanálise & Barroco em revista**, Edição Especial: Psicanálise e Política: versões e reversões do mundo e do imundo, v.17, n.02, p. 64-95, outubro 2019.

BRUM, E. O suicídio dos que não viram adultos nesse mundo corroído. *El País*, 19 junho 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/18/opinion/1529328111_109277.html. Acesso em: 21 ago. 2018.

CHAVARELLI, Maria de Fátima. Contemporaneidade: refletindo com Olgária Chain Féres Matos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.47, n.2, p. 39-45, 2013.

COUTINHO, Luciana Gageiro. O adolescente e a educação no contemporâneo: o que a psicanálise tem a dizer. **Cad. Psicanál.** - CPRJ, Rio de Janeiro, v.37, n.33, p. 155-174, jul./dez. 2015.

DEBBIO, Guilherme Mendonça Dell; PEREIRA, Marcelo Ricardo. A Socioeducação Hoje: proposta de uma clínica para o adolescente desde Aichhorn. **SIG – Revista de Psicanálise**, ano 5, n.2, p. 95-103, 2016.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. O Discurso do Capitalista: Espectros de Marx em Milão. **Teoría y Crítica de la Psicología**, v.13, p. 108-130, 2019.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Intolerância e cordialidade nos modos de subjetivação no Brasil. **SIG – Revista de Psicanálise**, v.4, n.6, p. 81-102, 2015.

DUNKER, Christian. O Discurso do Capitalista: Espectros de Marx em Milão. **Teoría y Crítica de la Psicología**, v.13, p. 108-130, 2019.

FLECK, Ludwik. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

FREUD, Sigmund. (Original publicado em 1930). **O Mal-Estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Imago, Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XXI, 1996.

FROMM, Erich. **Prefácio para Liberdade sem Medo**. 9ª ed. São Paulo: IBRASA, 1970. p. XII-XXIV.

FURTADO, Luis Achilles Rodrigues; VIEIRA, Camilla Araújo Lopes. A Psicanálise entre a Educação Inclusiva e a Saúde: uma proposta de trabalho interdisciplinar para pessoas autistas. **A peste**, São Paulo, v.4, n.2, p. 65-75, jul./dez. 2012.

FURTADO, Luis Achilles R. **Sua Majestade o autista: fascínio, intolerância e exclusão no mundo contemporâneo**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

LACAN, Jacques (1966) **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **Discours de Jacques Lacan à la Univerité de Milan le 12 mai 1972**. In: Lacan in Italia (1953-1978). Milão: Salamandra, p. 32-55, 1972.

LAJONQUIÈRE, L. **Infância e ilusão (Psico)pedagógica**. Petrópolis, Vozes: 1999.

LIMA, Nádia Laguárdia de *et al.* Psicanálise, Educação e Redes Sociais: escutando os adolescentes na escola. **Estilos clin.**, São Paulo, v.20, n.3, set./dez., p. 421-440, 2015.

LOPES, Anchyses Jobim. Psicanálise, Poesia e Educação: a Imagem Furo e a Leitura Poética. **Estudos de Psicanálise**, Salvador, n.30, p. 17-28, Agosto 2007.

LUSTOZA, Rosane Zétola O discurso capitalista de Marx a Lacan: algumas consequências para o laço social. **Ágora** (Rio de Janeiro) v.XII n.1 jan/jun, p. 41-52, 2009.

MILLER, J.-A. **Vers Pipol 5**. Quarto. n. 88. Bruxelles, p. 10-11, 2011.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares; COHEN, Ruth Helena Pinto. Psicanálise e sobredotação: pontuações elementares. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, MG, n.39, p. 29-36, Julho 2013.

MITSUMORI, Nanci Miyo. Breves reflexões sobre a inclusão escolar: contribuições psicanalíticas. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, MG, n.50, p. 133-138, dezembro 2018.

NEIL, Alexander S. **Liberdade sem Medo**. 9ª ed. São Paulo: IBRASA, 1970. 404p.

OLIVEIRA, Débora Passos de; LIMA, Maria Celina Peixoto; COLARES, Carolina Carrah. O desejo de viver e a transmissão do saber: perspectivas psicanalítica e filosófica. **Cad. Psicanál.** (CPRJ), Rio de Janeiro, v.41, n.41, p. 39-62, jul./dez. 2019.

PIRES, Luísa Puricelli; STRZYKALSKI, Stéphanie. A transferência em August Aichhorn e a pesquisa na socioeducação. **SIG – Revista de Psicanálise**, v.5, n.9, p. 73-84, 2012.

POKORSKI, Maria Melania Wagner F.; POKORSKI, Luís Antônio Franckowiak. A linguagem constituinte do ser humano. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, MG, n.38, p. 97-104, Dezembro 2012.

POSTERNAK, Leonardo. Agora eu era o rei: O anacronismo temporal da criança. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.51, n. 4, p. 125-140, 2017.

SANTOS, Yvisson Gomes dos. Apontamentos sobre os corpos/educandos pelo vértice foucaultiano. **Psicanálise & Barroco em revista**, v.19, n.01, julho 2021.

SILVA, Talita Alcântara Fontenele; NUNES, Henrique Riedel. Psicanálise e Residência na Rua: situando lugares (Im)Possíveis. **Psicanálise & Barroco em revista**, v.17, n. 3, p. 132-157, dezembro de 2019.

SOLER, Colette. Estatuto do Significante Mestre no Campo Lacaniano. Conferência proferida por COLETTE SOLER no *Séminaire du Champ Lacanien – “Statut du signifiant maître dans la psychanalyse et dans l’époque”*. In: **A peste**, São Paulo, v.2, n.1, p. 255-270, jan./jun. 2010.

TEIXEIRA, Vanessa Leite; COUTO, Luís Flávio Silva. A Cultura do Consumo: uma leitura psicanalítica lacaniana. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.15, n.3, p. 583-591, jul./set. 2010.

TEODORO, Elizabeth Fátima; SIMÕES, Alexandre Simões; GONÇALVES, Gesianni Amaral. Sofrimento Psíquico na Atualidade: dos Gadgets ao Sujeito (Con)Sumido. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.35, p. 1-6, 2019.